

O estudante universitário: os desafios de uma educação integral

The college student: the challenges of a comprehensive education

Maria Paula Panúncio-Pinto¹, Maria de Fátima Aveiro Colares²

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar e discutir aspectos ligados a ações e programas de atenção ao estudante universitário. Especificamente em relação às profissões da área da saúde, o texto discute as mudanças ocorridas nas últimas décadas, e o aumento das expectativas da sociedade sobre o estudante, o que tem levado os cursos à constante revisão de objetivos e métodos. Além disso, discute as peculiaridades do período da vida que corresponde ao ingresso na universidade e todas as novas e complexas demandas que o estudante deve enfrentar ao ingressar num curso superior. Essa convergência de novas situações vai além dos desafios relativos ao processo ensino-aprendizagem, e envolve a mobilização de muitos recursos por parte do estudante para adaptar-se. Todos esses esforços podem ter impacto em seu rendimento acadêmico e em sua saúde e qualidade de vida. Para melhor situar os aspectos ligados ao desenvolvimento do adulto jovem no contexto da Universidade, as autoras apresentam o construtivismo social e a perspectiva do curso de vida, como alternativas teóricas que abordam a complexidade dessa situação. Finalmente, apresentam as possibilidades dos programas de apoio ao estudante, exemplificando com as experiências em curso na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto: o Centro de Apoio Educacional e Psicológico, que além de ofertar atenção clínica (psicológica e pedagógica), mantém iniciativas de pesquisa e um Programa de Tutoria Institucional, para acolher os alunos ingressantes.

Palavras-chave: Atenção ao Estudante. Acolhimento a Alunos Ingressantes. Educação Integral. Tutoria. Mentoring.

ABSTRACT

This paper aims to present and discuss issues related to actions and programs that claim to offer support for college students. In order to reach this goal, the text discusses the ongoing changes in recent decades, which have increased societal expectations about student, and have also taken courses to constant revision of objectives and methods. Thus, the peculiarities of the life period that corresponds to beginning an undergraduate course and all the new and complex demands that the student must face are discussed. Such convergence of new situations is beyond the challenges related to the teaching-learning process, and involves the mobilization of a lot of resources from the student. All these efforts can affect

1. Professora Doutora do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento; Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto USP.
2. Psicóloga do Centro de Apoio Educacional e Psicológico (CAEP) da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto USP.

Correspondência:
Profa Dra. Maria Paula Panúncio-Pinto
Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento
Hospital das Clínicas da FMRP- Campus da USP 4º. Andar
Av. Bandeirantes, 3900 - CEP: 14048-900 Ribeirão Preto/SP
mapaula@fmrp.usp.br

Artigo recebido em 25/11/2014
Aprovado para publicação em 18/12/2014

either academic performance or quality of life. To address developmental issues of young adults in the context of the University, the authors present social constructivism and life span perspective as theoretical possibilities to look through the complexity of this situation. Finally, they present opportunities offered by student support programs, illustrating with ongoing experiences at Ribeirão Preto Medical School: The Center for Educational and Psychological Support, which in addition in offering clinical assistance (psychological and pedagogical), holds research initiatives and develops an Institutional Mentoring Program, to welcome new students.

Keywords: Students Support; Freshman Hosting; Comprehensive Education; Preceptorship; Mentoring.

Principais pontos de interesse

1. Desde as últimas três décadas do século XX, a Universidade vem sendo chamada a se reorganizar, para criar e difundir seus valores de forma a promover a melhoria da condição humana em suas múltiplas dimensões, o que implica numa necessária revisão de métodos, práticas, objetivos, currículos.
2. Assumir o compromisso com a formação integral do estudante significa olhar para além do processo ensino-aprendizagem, reconhecendo que este jovem passa por momentos de vulnerabilidade ao longo de sua formação, e as Instituições de Ensino Superior (IES) devem estar preparadas para apoiá-lo e acolhê-lo em tais situações.
3. O momento do ingresso na Universidade é um período em que ocorre uma convergência de eventos, alguns normativos e esperados e outros inesperados, e o estudante precisa lidar com essa nova realidade, em termos cognitivos e emocionais. A forma como essa adaptação será vivida pode influenciar todo o desenvolvimento do estudante ao longo da graduação.
4. Os serviços de apoio possuem importância fundamental na tarefa de auxiliar a instituição, mais especificamente, os setores ligados ao ensino de graduação, na integralidade da atenção conferida à trajetória acadêmica. Devem ultrapassar os objetivos clínico-assistenciais, e desenvolver ações voltadas à qualificação do ensino e à pesquisa de temas relacionados ao estudante e a sua formação acadêmica.
5. Entre as estratégias adotadas pelas IES para oferta de uma educação integral destacam-se os programas institucionais de tutoria, sendo que atualmente identificam-se duas diferentes modalidades de tutoria: *“Mentoring Programmes”* e *“Tutoring*

Systems”. O professor-tutor pode atuar como facilitador do processo de ensino aprendizagem – *Tutor Acadêmico*, como também como um *Mentor* ou um *Personal Tutor*, cabendo-lhe o papel de “conselheiro”, “facilitador” de caminhos, tanto na perspectiva acadêmica quanto pessoal.

A Universidade e o compromisso com uma educação integral

A Conferência Mundial de Educação (UNESCO- Paris 1998) definiu em sua Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI que as Instituições de Ensino Superior (IES) devem trabalhar para que seus estudantes se tornem cidadãos bem informados, providos de sentido crítico e capazes de analisar os problemas da sociedade, em busca de soluções, assumindo responsabilidade social.¹

Outros documentos produzidos, sobretudo a partir das três últimas décadas do século XX colocam à Universidade o desafio de formar profissionais competentes do ponto de vista técnico, mas também com compromisso ético e político para a construção de uma sociedade mais justa e equânime.

A Universidade vem sendo chamada a se reorganizar e ressignificar, criando e difundindo seus valores de forma a promover a melhoria da condição humana em suas múltiplas dimensões.² Tais demandas apontam para a necessidade de revisão de métodos, práticas, objetivos, currículos. Mais do que isso, implicam na promoção de discussões constantes acerca dos objetivos educacionais da universidade, visando a transformação do conhecimento e o desenvolvimento humano.³

Emerge, então, a preocupação com o estudante universitário e a promoção de condições para o seu desenvolvimento integral, para atingir seu nível de excelência pessoal e preparo para exercer um papel atuante na sociedade.^{4,5,2}

Inúmeros estudos têm sido produzidos para aprofundar o conhecimento sobre temas diversos envolvendo o cotidiano universitário, tais como sucesso e insucesso acadêmico, fatores de estresse na formação acadêmica, saúde mental do estudante, formação de atitudes e competências específicas, entre outros.^{3,2,6-10}

É importante compreender que o aprendizado do aluno bem como todo o seu processo de adaptação ao ensino superior devem levar em conta diversas variáveis que podem impactar o ajustamento acadêmico.^{3,11} Uma compreensão apropriada dessa fase estudantil exige que se atente para as características individuais e de personalidade do estudante, para a relação professor aluno, para o contexto e histórico institucional.³

Essa multiplicidade de variáveis merece ser considerada quando, por exemplo, torna-se necessário diagnosticar e intervir nos fatores de insucesso escolar.^{3,9}

Como é possível perceber, assumir o compromisso com a formação integral do estudante significa olhar para além do processo ensino-aprendizagem, reconhecendo que este jovem passa por momentos de vulnerabilidade ao longo de sua formação, e as IES devem estar preparadas para apoiá-lo e acolhê-lo em tais situações.

No geral os estudantes ingressantes trazem inicialmente expectativas positivas em relação a sua futura experiência acadêmica. No entanto podem ocorrer contradições entre esses sentimentos iniciais e o que a universidade efetivamente oferece.

A entrada na Universidade: peculiaridades de um período de transição

Um dos períodos de maior vulnerabilidade identificados pela literatura é o ingresso na Universidade, comumente marcado por conflitos decorrentes da adaptação ao meio universitário e da aproximação à profissão escolhida.^{12,13}

O ingresso na Universidade é um período bastante peculiar do curso de vida. Marca uma transição importante do final da adolescência para o início da vida adulta e desafia o estudante a assumir novas posturas, descobrir novas formas de estudar, aprender, conviver e participar.

Coincide, também, com o momento da escolha profissional, que representa para muitos jovens um período de conflito não apenas pela escolha e identi-

ficação com uma profissão, como também pelos desafios a serem enfrentados nesse novo contexto.

Para que esse período de adaptação seja um processo tranquilo é necessário que o jovem tenha passado por fases anteriores de desenvolvimento de forma estável e resolutiva. Por isso, a entrada na Universidade para um adulto jovem não deve ser analisada a partir de fatores isolados, mas considerando um conjunto de situações produzidas por influências institucionais, sociais, econômicas e históricas.

Além disso, em se tratando de cursos de área da saúde em uma instituição pública, é importante considerar que a sociedade volta-se para esse sujeito com expectativas sobre seu comportamento e êxito acadêmico, bem como sobre o retorno de todo o investimento feito em sua educação.

No contexto da educação universitária “*aprender*” ganha um novo significado, e coloca sobre o estudante enorme responsabilidade, pois, de fato, ele escolheu uma carreira e ao deixar a Universidade será um profissional, com compromissos e responsabilidades assumidos frente à sociedade. Nesse sentido a experiência do processo ensino-aprendizagem é muito diversa daquela vivida anteriormente no ensino médio, onde o estudante tinha que “dar conta” de conteúdos que nem sempre lhe interessavam. Na Universidade tudo que se propõe ao aluno, desde o primeiro dia de aula, é importante para a aquisição de habilidades e competências necessárias ao futuro profissional.¹⁴

O estudante vê-se então diante de um novo cenário e com novas demandas a enfrentar, e a responsabilidade com sua formação aumenta de forma considerável. Espera-se envolvimento, iniciativa, responsabilidade e autonomia. Espera-se que ele se organize para apreender o que lhe será apresentado ao longo da graduação, nunca perdendo de vista que depois de formado deverá estar apto a exercer a profissão de forma ética, crítica, consciente competente.

O início da vida universitária é marcado por uma convergência de situações que são apresentadas ao estudante, que é chamado a adaptar-se a esse novo meio social. Essa adaptação pode ser difícil ao “calouro”: uma nova “escola”, novos colegas, novas responsabilidades, muitas vezes numa outra cidade e distante de sua família.¹⁵

Olhando para todos os eventos que se juntam nesse momento do ingresso na educação universitária, é necessário considerar que a maioria dos calouros está na faixa-etária dos 17 aos 20 anos, ou seja,

no final da adolescência, enfrentando a transição final para o ingresso na vida adulta. Assim, serão apresentadas a seguir algumas possibilidades que a Psicologia do Desenvolvimento oferece para a compreensão da adaptação e do enfrentamento de desafios ao longo do curso da vida.

O desenvolvimento no final da adolescência e início da vida adulta

Adolescência é um termo amplo, que se refere a mudanças biológicas, fisiológicas, psicológicas e sociais que ocorrem no período que marca a transição entre a infância e a vida adulta.¹⁶

Não é possível formular limites etários exatos para a adolescência, uma vez que esse é um processo individual e marcado por transformações que afetam cada sujeito de uma forma diferente e específica. O que se faz atualmente é definir limites etários para classificações demográficas, que, contudo, podem variar muito.¹⁷ Importante é reconhecer que essa fase é caracterizada pela preparação do sujeito para assumir responsabilidades adultas e angariar recursos para buscar sua independência e autonomia.

São comuns na literatura relatos sobre as especificidades do comportamento do adolescente: a relação com o amor, as aventuras, as imprudências, o grande contingente de energia, a falta de previsão e o excesso de emoções.¹⁷ O final da adolescência é um período marcado por conflitos e desafios da identificação com valores e da constituição da identidade.

Como cada pessoa enfrenta essa convergência de novos eventos de vida, depende de muitos fatores. A compreensão desse complexo processo pode ser feita de muitos pontos de vista, sendo o construtivismo social uma perspectiva que permite compreender aspectos do desenvolvimento humano de forma integrada, dando conta de sua complexidade, excluindo a dicotomia tradicionalmente colocada pela Psicologia do Desenvolvimento: ou é do sujeito, ou é do contexto.

O construtivismo social propõe que a realidade seja olhada tanto da perspectiva do sujeito (como a interpreta e lida com ela) quanto da perspectiva histórica e social: a interrelação (historicamente datada, culturalmente contextualizada) entre o sujeito e o contexto. Desta forma, entende-se que a elaboração que o sujeito faz da realidade (como a percebe, interpreta e reorganiza internamente) é uma construção solitária, realizada em seu interior, mas influenciada pelo social, pelo outro, produto da vida social, de sua

história de vida ao longo do seu desenvolvimento. Uma perspectiva construtivista social se contrapõe tanto ao empirismo quanto ao inatismo: o desenvolvimento não reflete uma cópia do mundo exterior, pressupõe uma elaboração do sujeito; tampouco é o resultado da emergência de estruturas pré-formadas, significando apenas a exteriorização de algo que é interno. A posição sugerida pelo construtivismo social é *interacionista*: os fenômenos resultam da ação do sujeito sobre a realidade e vice-versa, determinados pelas propriedades (ou características) do sujeito e da realidade.¹⁸

Ao olhar para a realidade desse ponto de vista, torna-se possível entender o processo de desenvolvimento humano de forma mais ampla, aceitando que os eventos de vida podem exercer influência sobre o desenvolvimento, sobre a forma como sujeitos específicos em situações específicas interpretam e lidam com a realidade.

A matriz teórica que permite pensar nas influências dos eventos de vida sobre o desenvolvimento e na forma como cada sujeito pode reagir a essas influências é a “*perspectiva do curso de vida*” (*life span perspective*). Nessa perspectiva o desenvolvimento é pensado como qualquer mudança na capacidade adaptativa do organismo, não importando se considerada como positiva ou negativa, ganho ou perda. Assume-se uma posição multicausal, considerando-se muitos possíveis determinantes para o desenvolvimento, as diferenças individuais e a presença de uma plasticidade determinada por eventos de natureza ontogenética e sociocultural.^{19, 20}

O desenvolvimento é compreendido como um processo multidirecional, em curso ao longo de toda vida e contextualizado por fatores biológicos, psicológicos, socioculturais e históricos, que determinam as transformações, num processo de equilíbrio constante entre ganhos e perdas.^{19, 20} Três tipos de influência interagem para produzir processos de mudança e determinar o desenvolvimento humano: a) influências normativas graduadas por idade ou ontogenéticas, ligadas aos determinantes biológicos e ambientais, e apresentam alta correlação com a idade cronológica; b) influências normativas historicamente graduadas, que dizem respeito a eventos do contexto histórico-social, os quais, em interação com os eventos graduados por idade, podem produzir resultados peculiares a todo um grupo etário ou geração; e c) influências não normativas, que se referem a eventos biológicos e ambientais, que não ocorrem para

todos os indivíduos de um grupo etário, não apresentam uma ordem ou padrão, mas que geram efeitos significativos sobre as histórias de vida individuais.

A perspectiva do curso de vida permite considerar a vida humana como unidade de agregação, observação e integração, de forma que os procedimentos e estruturas cognitivas e afetivas refletem as estruturas da vida.²¹

Voltando para o momento do ingresso na Universidade, é possível pensar que é um período em que ocorre uma convergência de eventos, alguns normativos e esperados e outros inesperados, e que o estudante precisa lançar mão de diferenciadas estratégias para lidar com essa nova realidade, tanto em termos cognitivos quanto em termos emocionais. A forma como essa adaptação será vivida pode influenciar todo o desenvolvimento do estudante ao longo da graduação, e nesse cenário os serviços de apoio emergem como estratégia importante na garantia de uma educação integral.

O papel dos serviços de apoio ao universitário na perspectiva de uma educação integral

Os serviços de apoio possuem importância fundamental na tarefa de auxiliar a instituição, mais especificamente, os setores ligados ao ensino de graduação, na integralidade da atenção conferida a trajetória acadêmica. Durante a formação acadêmica os estudantes podem recorrer a esses serviços, que possuem a função de apoiar seu desenvolvimento, como uma via de acesso que ofereça acolhimento às questões emergentes em cada período de formação, ofertando um espaço para ajuda e reflexão durante o processo de graduação.

Na perspectiva de uma educação integral, identifica-se a necessidade de pensar tais serviços para além do ponto de vista clínico-assistencial, considerando, também, a necessidade de estudar as demandas do estudante universitário, visando o desenvolvimento de programas que permitam uma abordagem preventiva e de promoção da saúde mental. Os objetivos desses serviços passam então a ser mais amplos à medida em que acrescentam ações voltadas ao ensino e a pesquisa de temas relacionados ao estudante e a sua formação acadêmica.²²

Estudantes e professores, como membros integrantes da instituição e como parte de um segmento representado por ela, também sofrem as consequên-

cias, boas ou ruins, do caráter dinâmico dos projetos político-pedagógicos, constantemente chamados a se atualizar. Assim como o professor, o acadêmico, em diversos períodos de sua formação, tem suas histórias e experiências para relatar, denotando sucessos ou frustrações advindas das mudanças ocorridas na história da criação e implantação de seus cursos.

As IES, por sua vez, se organizam de acordo com suas possibilidades, para manter serviços ou ações de apoio aos estudantes, considerando como aspecto central a preocupação com sua saúde mental e com a sua adaptação ao contexto universitário, muitas vezes completamente desconhecido, independente da carreira escolhida. Nesse contexto é que surgem órgãos de apoio educacional e psicológico para os estudantes.

Os Programas de Tutoria

Existem muitas estratégias adotadas pelas IES em busca da oferta de uma educação integral que considere todas as necessidades do estudante. Entre elas, destacam-se os programas institucionais de tutoria. O conceito de tutoria, e as ideias que circulam em torno do conceito, remetem à pré-história da pedagogia.

O processo de tutoria se estabelece na Antiguidade, período no qual a transmissão cultural e de vivências se dava por *xamãs* e curandeiros, considerados tutores. Com a transição da sociedade tribal para os primeiros estágios de civilização, o papel de tutor foi assumido pelos sacerdotes, que transmitiam um ensino formal, ligado às tradições culturais, como a linguagem, por exemplo. Na *Pólis* grega os tutores eram escolhidos por critérios como a estima, amizade e afetividade, sendo responsáveis por transmitir honra, justiça e patriotismo. Da Grécia à Roma, o papel tutorial passa a ser da família e secundariamente da escola, com a adoção de postura pragmática orientada pela moralidade. De responsabilidade familiar, a tutoria passa a ser de responsabilidade do clero na Idade Média, sendo sediada em mosteiros e voltada ao clero e a nobreza apenas.²³

No século XII aparecem universidades organizadas em corporações de professores e estudantes. Ao ingressar na universidade o aluno ficava sob a responsabilidade de um mestre até dominar certas habilidades específicas para o desempenho, e quando as dominava, se tornava mentor dos alunos mais novos, mas ainda sob a supervisão de um docente.²³

Em termos históricos, a tutoria manteve ao longo do tempo reflexos de um modelo de educação de mera reprodução, com um caráter “*estacionário e imitativo*”, de transmissão de valores, verdades e da herança cultural.

O que se percebe é que a tutoria é uma estratégia de ensino que está presente desde a origem da universidade. Na atualidade, o conceito de tutoria é retomado em muitos cursos universitários brasileiros. Contudo, como prática de ensino e estratégia de relacionamento estudante-professor, também tem passado por revisões e discussões em termos conceituais e de prática. A ideia vem de encontro à necessidade de construir novas estratégias para o processo de ensino-aprendizagem, diante dos novos paradigmas colocados no campo da educação universitária.

As Diretrizes Curriculares Nacionais apontam para a necessidade de flexibilizar e inovar os Projetos Político-Pedagógicos dos cursos de graduação. Tal necessidade remete à transformação dos papéis tradicionalmente desempenhados por professores e estudantes.

Atualmente, é possível reconhecer diferentes modalidades de tutoria, com duas linhas de interesse conhecidas como “*Mentoring Programmes*” e “*Tutoring Systems*”.

1º- “*Tutoring Systems*”: sua filosofia baseia-se na formação de facilitadores do aprendizado, principal atribuição do tutor, estimulando e acompanhando a vida acadêmica do aluno dentro do “*Problem Based Learning - PBL*”.

2º- “*Mentoring Programmes*”: nesse modelo são reunidos três componentes clássicos, quais sejam suporte pessoal; educação permanente e desenvolvimento profissional do estudante, sem dicotomizar os aspectos acadêmicos - profissionais e os aspectos pessoais. Sendo assim, sua proposta, em geral, atenta para o desenvolvimento global dos estudantes, permitindo seu acompanhamento, criando espaço para ações preventivas e promovendo a melhoria das interações interpessoais, seja entre os pares ou na relação com os professores.^{24,25}

Nesse sentido, o Tutor pode figurar tanto como um facilitador durante o processo de ensino aprendizagem – Tutor acadêmico, como também como um Mentor ou um *Personal Tutor*, classificação segundo a qual cabe ao Tutor também o papel de “conselheiro”, “facilitador” de caminhos durante um período de aprendizado acadêmico e pessoal.

Em relação aos prováveis benefícios desses programas reconhece-se que os mesmos podem favorecer um menor sofrimento na vida acadêmica; uma melhor qualidade nos relacionamentos interpessoais (aluno-aluno, aluno-professor), a incorporação de valores e atitudes positivas próprios da profissão escolhida.

Do ponto de vista institucional pode ocorrer um maior investimento em estudos e estratégias para a melhoria do ensino-aprendizagem e também a identificação precoce de problemas individuais e coletivos possibilitando a orientação adequada quanto ao encaminhamento dessas questões. Além disso, a Tutoria pode fornecer o espaço adequado para a discussão da identidade profissional em desenvolvimento. O Tutor, geralmente um professor do curso, participa do processo formativo de seus tutorandos, favorecendo uma maior interação professor-aluno, transformando-a em uma relação “mais acolhedora”. No campo da formação e capacitação de tutores são constantemente avaliadas as estratégias e os benefícios que decorrem dessa relação entre tutor e aluno.²⁶

O Centro de Apoio Educacional e Psicológico (CAEP) da FMRP-USP

No contexto da FMRP-USP a criação do Centro de Apoio Educacional e Psicológico (CAEP) ocorre por volta de 1990, decorrente de preocupação originada na Comissão de Graduação, com a oferta de atenção ao corpo discente da Faculdade.²²

Dessa forma, desde sua implantação o CAEP desenvolve atividades voltadas para a assistência aos estudantes, envolvendo atendimento psicológico e psicopedagógico, como também atividades de apoio ao ensino e pesquisa na área de Educação em Saúde. Para isso sua estrutura funcional conta com equipe técnica de profissionais especializados (psicólogos, educadora e assistente administrativo). Além disso, para auxiliar e traçar diretrizes para as atividades de ensino e pesquisa, o serviço conta com um grupo de docentes da FMRP-USP que compõem seu conselho consultivo. Através dessa junção de equipe técnica e grupo de consultores são discutidas, planejadas e desenvolvidas ações preventivas e de promoção da saúde mental de estudantes; bem como o planejamento de assessorias específicas dos Setores de Psicologia e Educação às comissões coordenadoras de cursos.

No que diz respeito ao campo assistencial o serviço oferece atendimento psicológico e psicope-

dagógico aos estudantes, sendo que a procura por essas abordagens é espontânea. São atendidos os casos de estudantes que apresentam sintomatologia de baixa complexidade, originada de demandas acadêmicas ou emocionais (dificuldades de adaptação ao curso e a vida acadêmica, problemas de aprendizagem). Os casos com sintomatologia de maior complexidade são encaminhados para serviços especializados oferecidos no Hospital das Clínicas da FMRP-USP.

A equipe técnica tanto no setor de Psicologia como no de Educação participa de comissões específicas designadas pela Comissão de Graduação e também pela Diretoria da Faculdade. As referidas comissões tratam de assuntos relacionados ao cotidiano acadêmico/institucional, envolvendo ações voltadas tanto para o corpo docente como discente. Alguns exemplos de participação são: assessoria psicopedagógica e psicológica às comissões coordenadoras de cursos; programa de capacitação docente e orientações em situações envolvendo discentes com dificuldades; assessoria a comissões específicas de assuntos diversificados, assessoria a recepção de calouros.

O desenvolvimento de estudos e pesquisas está voltado a temas tais como: adaptação do estudante ao ensino superior, temas de educação médica, ensino na saúde, capacitação docente, métodos e práticas pedagógicas inovadoras, programas de tutoria, dentre outros.

Uma das importantes iniciativas do CAEP, foi a criação do Programa Institucional de Tutoria, descrito a seguir.

Programa Institucional de Tutoria *Mentoring (CAEP – FMRP-USP)*

Para dar suporte a nova fase que se inicia com o ingresso na graduação o CAEP mantém um programa institucional de tutoria modalidade *Mentoring* que pretende ir além do acompanhamento, orientação e supervisão pedagógica do processo ensino-aprendizagem. Baseia-se e desenvolve-se a partir do conceito mais amplo de *mentoring* e visa estabelecer uma relação de confiança, suporte e acompanhamento pessoal e profissional entre os tutores (mentores) e os estudantes.

O programa da FMRP tem como objetivo apoiar o aluno nas dificuldades próprias ao início da formação acadêmica e ao longo de toda vida universitária, procurando favorecer o processo de desenvolvimento de uma identidade profissional; contribuindo para

uma formação mais integral, numa concepção mais geral de “pedagogia do cuidado”.

Nas reuniões de tutoria são tratados temas referentes à vida acadêmica, as expectativas frente à profissão, às dificuldades evidenciadas durante a trajetória, havendo também um espaço para temas livres. As estratégias utilizadas são diversas e baseiam-se na troca entre tutores e estudantes, envolvendo orientações e discussões sobre a rotina da vida acadêmica e também sobre temas relacionados à formação acadêmica e profissional tais como: a entrada na faculdade, informações sobre trajetória acadêmica, dilemas e dificuldades, questões sobre o trote; a escolha pela profissão; o curso escolhido (o ciclo básico, clínico e etapas profissionalizantes); orientações para estudo na nova perspectiva de ensino, atividades extracurriculares, entre outros.

Trabalhar as motivações do aluno para a profissão; refletir sobre a natureza da profissão real e a idealizada, promover a melhoria do contexto interpessoal no período inicial do curso, favorecer discussões sobre a vida acadêmica, garantindo a oferta de suporte que favoreça o desenvolvimento do estudante em sua trajetória acadêmica foram inicialmente os principais objetivos do Programa de Tutoria na FMRP-USP. Além disso, ao integrar os demais cursos da Unidade (Ciência Biomédicas, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Informática Biomédica, Nutrição e Terapia Ocupacional) a tutoria busca criar espaços para tratar questões institucionais, tais como carga horária; contribuir para a incorporação de novos valores e um visão multi e interprofissional na formação de profissionais da saúde.

Estudo que realizou um levantamento geral de temas e estratégias presentes nos encontros desde o início do programa na FMRP-USP, através de abordagem documental aos relatórios de tutoria encaminhados pelos tutores no período de 2003, data de criação do programa, à 2009, obteve que, durante o período estudado o tema mais frequente, tanto em termos de sua presença em todos os anos e em todos os cursos, quanto em termos da frequência com que foi abordado é o da “*escolha profissional*”. Outro “grande tema” é da “*organização da vida de estudos*”. ao qual agregam-se outros temas correlatos tais como: “*adaptação a nova rotina*”; “*dificuldades em disciplinas do ciclo básico*” “*atividades extracurriculares*”.²⁷

Outra abordagem de pesquisa sobre o Programa de Tutoria da FMRP identificou que a participa-

ção dos estudantes no programa resultou em maior adesão dos calouros em projetos de Iniciação Científica e Cultura e Extensão; no conhecimento e aquisição do benefício de bolsas de apoio a permanência do estudante; no benefício de outras bolsas disponíveis para calouros; na participação de calouros nas atividades do Centro Acadêmico. Depoimentos registrados em relatórios semanais revelam que a tutoria contribuiu para “*esclarecer dúvidas gerais sobre a vida na universidade*”; “*acolhimento/adaptação*”; “*conhecer locais e serviços*”; “*conhecer melhor o curso escolhido*”; “*organização dos estudos*”.²⁸

Considerações Finais

Uma instituição de ensino superior é composta por estudantes, professores, e funcionários – estrutura administrativa e acadêmica, e a realidade institucional reflete as dificuldades e resistências de cada segmento na construção de ações integradas que respondam às necessidades da formação profissional que se espera da Universidade na atualidade.

A implantação de modelo de atenção integral ao estudante enfrenta dificuldades e resistências em todos os segmentos institucionais no reconhecimento de estratégias interventivas que questionam papéis cristalizados, tradicionalmente desempenhados por estudante e professores.

Neste artigo foram abordados aspectos referentes ao estudante universitário, as complexas variáveis envolvidas em sua adaptação ao contexto acadêmico e possibilidades de ofertar apoio e orientação, respondendo as suas demandas, a partir das experiências institucionais das autoras. Foi ressaltada a importância de uma educação integral, que mobilize toda a instituição, respeitando as características do jovem adulto e suas estratégias de adaptação em sua trajetória acadêmica.

À exemplo do que acontece no Programa Institucional de Tutoria Mentoring da FMRP, a oferta de espaços para o desenvolvimento de atividades práticas reflexivas, integrando professores e estudantes, torna possível o compartilhamento, a discussão, a reflexão sobre a vida acadêmica e a construção do papel profissional. Os serviços de apoio configurados na forma de assistência, apoio ao ensino e pesquisa também podem colaborar com a IES na construção de estratégias institucionais para a conquista de avanços no ensino de graduação e conseqüentemente na formação profissional.

Referencias

1. USP Biblioteca Virtual de Direitos Humanos. Disponível em <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html>. [acesso em 13/10/2014]
2. Santos L, Almeida LS. Vivências acadêmicas e rendimento escolar: estudo com alunos universitários do 1º ano. *Anál Psicol.*, 2001; 2: 205-17.
3. Almeida LS. Transição. Adaptação acadêmica e êxito escolar no ensino superior. *Revista Galego-Portuguesa de Psicologia e Educacion.* 2007; 15: 203-15.
4. Troncon LEA et al Avaliação terminal de competências dos graduandos em medicina: relato da experiência inicial da FMRP-USP. Ribeirão Preto: Gráfica Canavacci, 1996.
5. Troncon LEA, Figueiredo JFC, Rodrigues MLV, Peres LC, Cianflone ARL, Picinato CE, et al. Implantação de um programa de avaliação terminal do desempenho dos graduandos para estimar a eficácia do currículo na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. *Rev Assoc Med Bras.* 1999; 45: 217-24.
6. Cunha SM, Carrilho DM. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico. *Psicol Esc Educ.* 2005; 9: 215-24.
7. Troncon LEA, Colares MFA, Figueiredo JFC. Atitudes de graduandos em medicina em relação a aspectos relevantes da prática médica. *Rev Bras Educ Med.* 2003; 27: 20-28.
8. Colares MFA, Troncon LEA, Figueiredo JFC, Cianflone ARL, Rodrigues MLV, Picinato CE, et al. Construção de um Instrumento para avaliação das atitudes de estudantes de medicina frente a aspectos relevantes da prática médica. *Rev Bras Educ Med.* 2002; 26:194-203.
9. Ferreira JA; Almeida LS; Soares AP. Adaptação acadêmica em estudantes do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudante e curso. *Psico-USF.* 2001; 6:1-10.
10. Cianflone ARL, Troncon LEA, Rodrigues MLV, Picinato CE, Peres LC, Figueiredo JFC. Evaluation of clinical competence assessment. *Med Teach.* 1996;18:167-68.
11. Cianflone ARL, Fernandez JM. Algumas características do ensino e aprendizado na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP – Um estudo junto aos alunos de graduação. *Medicina (Ribeirão Preto)* 1993; 26: 228-36.
12. Bellodi PL. Retaguarda emocional para o aluno de medicina da Santa Casa de São Paulo: realizações e reflexões. *Rev Bras Educ Med.* 2007; 31:5-14.
13. Cerchiari EAN, Caetano D, Faccenda O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. *Estud. psicol. (Natal)*, 2005; 10: 413-20.
14. Panúncio-Pinto MP, Pfeifer LI. Metodologia do trabalho acadêmico e científico. (apostila, 24 páginas) Ribeirão Preto: LEPTOI-USP, 2009.
15. Silva CPS, Panúncio-Pinto MP. A tutoria institucional como estratégia de acompanhamento de alunos ingressantes na FMRP-USP: avaliando suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem. (poster) –Anais do VII Congresso Paulista de Educação Médica.São Paulo. *Rev Méd.* 2010; 89: (S1).
16. Panúncio-Pinto MP, Cunha LMVR. Atenção ao adolescente. In: Amorim DS, Alessi NP, Gattas ML. Práticas Interdisciplinares na area da saúde. Ribeirão Preto: Hollos, 2007.

17. Pirotta KCM . A construção sócio-histórica da adolescência e as políticas públicas. Boletim do Instituto de saúde. Ano XII, N° 40. Dezembro de 2006.
18. Delval J. Teses sobre o construtivismo. In: Rogrigo MJ, Arnay J. (Orgs.): A construção do conhecimento escolar. Volume I - Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança. Tradução: Cláudia Schilling. São Paulo: Editora Ática, 1998.
19. Baltes PB. Life-span developmental psychology: observations on history and theory revisited. In: Lerner RM. (Ed) Developmental psychology. Historical and philosophical perspectives. Hillsdale: Erlbaum, 1983.
20. Baltes PB. Theoretical propositions of life span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. Dev Psychol. 1987; 5: 611-26.
21. Bluck S, Habermas T. The life story schema. Motiv Emot.. 2000; 24:121-47.
22. Cianflone ARL, Figueiredo JFC, Colares MFA. O Centro de Apoio Educacional e Psicológico (CAEP) da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP). Medicina (Ribeirão Preto), 2002; 35: 392-6.
23. Geib LTC, Krahl M, Poletto DS, Silva CB. A tutoria acadêmica no contexto histórico da educação. Rev Bras Enferm. 2007; 60:217-20.
24. Bellodi PL, Martins MA. Projeto tutores: da proposta à implantação na graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Rev HU-USP. 2001;11: 52-8.
25. Bellodi PL, Martins MA. Tutoria: *mentoring* na formação médica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
26. Colares MFA, Castro M, Peres CM, Passos ADC, Figueiredo JFC, Rodrigues MLV, Troncon LEA. Group Mentoring for junior medical students: perceptions of mentees and mentors. Rev Bras Educ Med. 2009; 33: 670-5.
27. Silva CPS, Panúncio-Pinto MP. A tutoria institucional como estratégia de acompanhamento de alunos ingressantes na FMRP-USP: contribuições para o processo de ensino e aprendizagem. Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica. Ribeirão Preto: FMRP-USP, 2010.
28. Panúncio-Pinto MP, Colares MFA, Fiorati RC. A tutoria como estratégia de acolhimento a estudantes ingressantes: a experiência do curso de graduação em terapia ocupacional (TO) da FMRP-USP. Anais do COBEM. Recife, 2013.